

Construções de posse verbal em russo

Erick Pires Rodrigues[†]

[†]Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: zircles@gmail.com

Resumo: Este trabalho se propõe a investigar construções de posse verbal em russo. Nessa língua, a relação de posse é estabelecida pela preposição *u*, o possuidor no caso genitivo, o verbo *iest'* (ser) e o objeto possuído no caso nominativo. Ademais, dentro de determinados contextos, o verbo *iest'* pode ser omitido da estrutura. Partindo do princípio de que uma diferença na forma das construções reflete uma diferença de significado (princípio da não sinonímia), o presente artigo busca investigar que diferenças estão por trás do uso da construção de posse com o verbo *iest'* expresso em contraposição à construção sem verbo. Para tanto, é apresentado um panorama geral do que já foi proposto sobre o assunto e, em seguida, duas análises de corpus são apresentadas - uma de cunho estatístico e outra de natureza qualitativa.

Palavras-chave: Posse verbal; Língua Russa; Construção de Posse; Verbo *iest'*.

Introdução

As expressões que estabelecem uma relação possessiva em russo são caracterizadas por conterem a preposição *u*, que significa “junto a”, o possuidor no caso genitivo, o verbo existencial *iest’*, que quer dizer “é” ou “existe” e o objeto da posse no caso nominativo. Assim sendo, uma expressão como *u menia iest’ machina* literalmente quer dizer *junto a mim é carro* em português. A posse verbal em russo, portanto, se posiciona no grupo de estruturas possessivas com um verbo do tipo “ser”. Além desse fato, também se atesta, dentro de determinados contextos, o uso de expressões possessivas similares à exemplificada, porém sem o verbo *iest’*: *U menia machina* (Junto a mim carro).

Partindo do princípio de que uma diferença na forma de uma construção gramatical reflete uma diferença de significado (semântico e/ou pragmático), o que se convencionou chamar de princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995), o objetivo deste trabalho é investigar quais são as diferenças no uso da construção de posse com o verbo *iest’* [U menia *iest’* SN] em contraposição à alternativa sem verbo [U menia SN]. A investigação foi feita a partir de duas análises de corpus. A primeira, de natureza estatística, buscou verificar que relações pode haver entre as duas construções e determinadas variáveis. A segunda, de natureza qualitativa, buscou identificar, dentro do contexto comunicativo oferecido pelo corpus, as situações em que os falantes empregam as construções com o item *vopros* (pergunta) na posição de SN1.

O artigo se organiza da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos um panorama geral sobre a posse verbal enfocando a posse do tipo “ser”, e, principalmente, propostas já estabelecidas por diversos autores a respeito do funcionamento da posse em russo e as diferenças relacionadas ao uso das construções com e sem o verbo *iest’*. Na terceira seção, fazemos uma breve descrição dos fundamentos teóricos que motivaram a pesquisa e que serviram de base para as análises. Na quarta seção, descrevemos a metodologia empregada na pesquisa. Na quinta seção, apresentamos os resultados. Por fim, na sexta seção, traçamos as considerações finais.

As construções de posse verbal em russo

A posse na língua russa é realizada através de expressões constituídas com o verbo *iest’*, que, literalmente, quer dizer “ser”, diferente do que ocorre em português e inglês, onde as expressões empregadas se fundamentam com verbos do tipo “ter” e “have”,

¹ O trabalho aqui apresentado é fruto de uma pesquisa de Mestrado realizada por nós entre 2016 e 2018. Algumas informações mais detalhadas e desenvolvidas podem ser encontradas na dissertação *Construções de Posse Predicativa em Língua Russa: uma abordagem construcionista*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

respectivamente². Assim, para expressar uma ideia correspondente à sentença Ela tem um carro em russo, teríamos a sentença U neio iest' machina, o que literalmente pode ser entendido como Junto a ela é um carro. Além da peculiaridade de que as expressões de posse em russo sejam do tipo “ser” (e não do tipo “ter”), chama atenção o fato de que nem sempre o verbo iest' está formalmente expresso, pois também se atesta, dentro de determinados contextos, o emprego de expressões como U neio machina (“Junto a ela carro”).

As perguntas que norteiam este trabalho são: que diferença há, se é que ela existe, entre as sentenças de posse verbal com o verbo iest' formalmente expresso e as sentenças em que iest' está ausente? Essas variantes são usadas da mesma maneira e nos mesmos contextos? Nesta seção, vamos resgatar as análises da posse verbal em russo propostas por três autores – Bondarko (1996), Tchintchlei (1996) e Timberlake (2004). Mas antes, vamos apresentar a visão de Langacker (2009) sobre a posse verbal em geral e como a posse do tipo “ser” pode ser analisada do ponto de vista semântico.

Langacker (2008) defende que as construções de posse nas línguas originalmente refletem um arquétipo conceptual de base experiencial dos falantes, o que ele categoriza como posse prototípica.

Em primeiro lugar, temos a ideia de um indivíduo tendo a primazia sobre determinados objetos. Aquele que possui um objeto tem o privilégio de poder movê-lo, de decidir onde ele será guardado e o que fazer com ele. Em outras palavras, ele tem o acesso direto e o controle físicos do objeto possuído. O que subjaz a essa experiência é a ideia de um primeiro elemento, mais saliente do ponto de vista da cognição e percepção humanas³, se relacionando com um segundo elemento. Além do mais, associamos uma pessoa como possuidora de determinados objetos (no sentido básico de ter certo privilégio sobre o uso deles). Acessarmos mentalmente uma pessoa como referência nos permite, em seguida, acessar uma ampla gama de objetos a ela relacionados. Essa é a posse de propriedade, sendo a mais central entre as situações de posse prototípica.

Em segundo lugar, temos a noção de parentesco. Nesse caso, um indivíduo se relaciona a um outro indivíduo de forma exclusiva. Um pai só pode ser um pai em relação ao seu filho. A relação entre dois elementos, mais uma vez, está inerente na conceitualização do falante.

Por fim, temos a situação em que uma parte pertence a um todo. Similar ao que ocorre com a noção de parentesco, só podemos pensar numa parte em relação a um todo. Um braço só pode ser um braço em relação a um corpo, por exemplo.

O que essas três noções de posse prototípica têm em comum é o fato de possuírem de forma imanente e inerente um aspecto relacional, onde um elemento serve como referência para o outro, o que conforma o arquétipo conceptual da posse. Esse aspecto relacional que está

² Também há em russo verbos de posse do tipo “ter”, como *imet'*, *vladet'* e *obladat'*, porém eles são usados de forma mais restrita e menos frequente e, portanto, não estão no escopo deste trabalho.

³ A percepção do possuidor como mais saliente em relação ao objeto, de acordo com o autor, se deve ao fato de percebermos e reconhecermos uma pessoa como indivíduo, e não o objeto.

imane nas construções de posse prototípica passa a ser estendido para outros usos, onde, mesmo quando não estamos falando de propriedade, de relações de parentesco ou da relação de uma parte com um todo, estamos relacionando dois elementos. Nesse caso, temos a posse esquemática, onde justamente o aspecto relacional passa a ser aplicado de forma esquemática para os novos usos. O autor afirma que a posse esquemática é possibilitada pela habilidade cognitiva de ponto de referência, representada na figura abaixo:

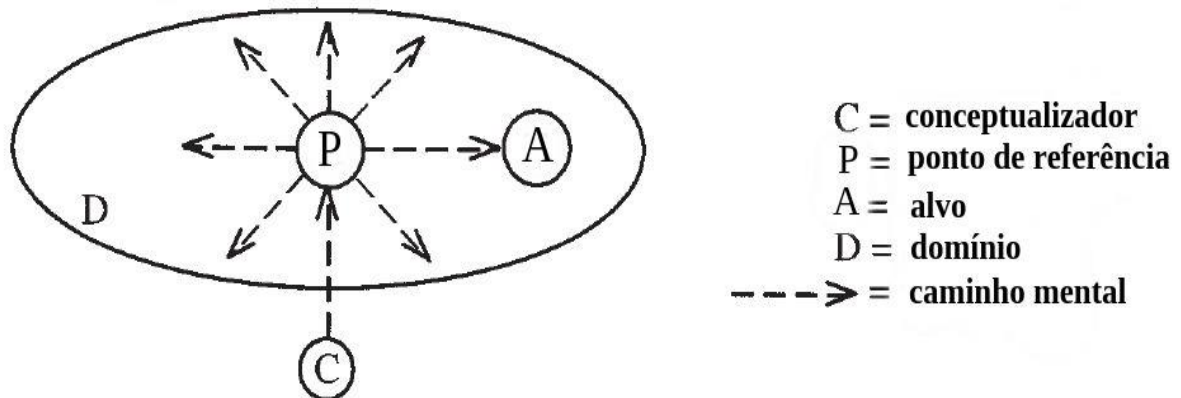


Figura 1 - Conteúdo conceitual da posse.

O conceptualizador (C), falante ou ouvinte da interação, localiza mentalmente um ponto de referência (P), o possuidor, o que lhe permite acessar um conjunto de entidades a ele associadas, localizadas em seu domínio (D). Dentre as entidades associadas ao possuidor se encontra o alvo (A), aquela que se busca acessar mentalmente (o objeto possuído). Em resumo, a relação de ponto de referência funciona dentro de uma sequenciação de atividades mentais onde acessar P nos possibilita acessar A.

O autor postula que enquanto na posse prototípica, P exerce um controle ativo sobre A (o controla fisicamente, em relação à propriedade; exerce um papel exclusivo, em relação à noção de parentesco; controla a localização e experiencia exclusivamente a parte, em relação à noção de parte/todo), na posse esquemática, P serve apenas como uma referência para que C consiga acessar mentalmente aquilo que está sendo mencionado (A).

A partir dessa conceptualização geral da posse, o autor delinea o que diferencia a posse verbal com verbos do tipo “ter” e a posse com verbos do tipo “ser”, caso a que pertence a construção possessiva do russo com o verbo *iest’*. A diferença se refere ao modo particular que o falante constrói a cena conceitualmente com base nos elementos apresentados na figura acima. A Gramática Cognitiva, de Langacker (2008), considera que o significado de uma construção envolve não apenas o conteúdo conceitual que ela ativa, mas também modos particulares de se construir esse conteúdo, o que o autor chama de construal.

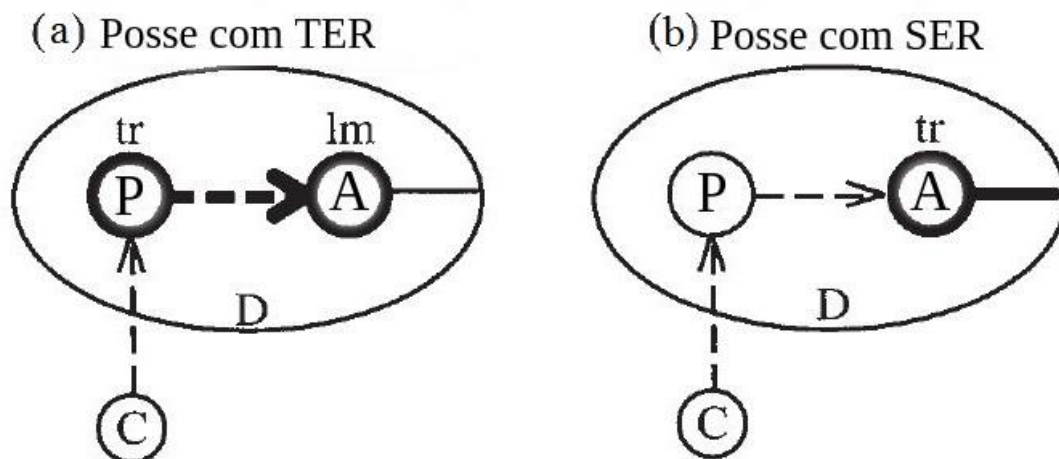


Figura 2 – construais da posse verbal.

A figura acima nos mostra que, enquanto verbos do tipo “ter” destacam (deixam em proeminência) o ponto de referência (possuidor), a relação possessiva e o alvo (objeto possuído) sob controle de P (todos eles marcados em negrito na imagem), estruturas de posse do tipo “ser” destacam o alvo (objeto possuído) como estando existente e pertencente à área de domínio de P. Na expressão do russo *U menia iest’ machina* (Junto a mim é carro), por exemplo, *machina* é o objeto em proeminência, bem como sua relação de pertencimento ao espaço de controle de *menia*, realizado pelo verbo *iest’*. Essa relação entre o objeto e o domínio é representada na figura pela linha em negrito que liga A à área D.

Cabe mencionar que há graus de proeminência. Enquanto na posse do tipo “ter”, P está mais proeminente do que o objeto possuído (sendo que o primeiro assume a função sintática de sujeito e o segundo a função de objeto direto), na posse do tipo “ser”, o objeto é o elemento mais proeminente (o sujeito sintático marcado com o caso nominativo em russo). Esses diferentes graus de proeminência são rotulados pelo autor como trajetor (tr), o elemento mais proeminente, e marco (lm, do inglês landmark), o elemento menos proeminente.

Por fim, o autor relaciona a posse à ideia de locatividade e existencialidade. Em síntese, ele afirma que “construções possessivas e locativas compartilham uma caracterização conceptual abstrata que se baseia na atividade de ponto de referência. [...] Esse ponto em comum é o que permite que construções locativas sejam usadas para a posse e vice-versa” (LANGACKER, 2009, p. 103). Isso explica o fato de a posse com verbo “ser” ser entendida como “um objeto se localizando na área de domínio de um possuidor”.

Bondarko (1996) discrimina dois tipos de estruturas de posse – a posse atributiva e a posse predicativa, sendo essa última caracterizada por ser fundamentada por um verbo que expressa a relação possessiva. Dentro dessa categoria, o autor identifica noções conceituais universais onde estão presentes “possuidor”, “objeto da posse” e “relação que liga possuidor e objeto”. Por ser universal, isso vale para qualquer tipo de posse verbal, independente da configuração sintática do verbo (e da língua analisada).

Por outro lado, há aspectos semânticos que são particulares da expressão verbal em si. As estruturas com o verbo *iest'*, como no exemplo *U nego iest' datcha* (Junto a ele é datcha, i.e. Ele tem uma datcha), são interpretadas semanticamente como “a presença de um objeto de posse na esfera do possuidor”. Aqui, a posse se fundamenta na noção de existência, sendo que o objeto ocupa uma posição central ao assumir a função sintática de sujeito (expressa em russo pelo caso nominativo). Essa interpretação semântica marca uma diferença em relação a outras estruturas verbais onde o possuidor ocupa a posição central, assumindo o papel de agente e a função de sujeito, enquanto o objeto da posse, por sua vez, assume a função de objeto sintático. É o caso das estruturas com o verbo *imet'* e também do verbo “ter” no português e “have” no inglês. O autor também afirma brevemente que a posse pode expressar diversos tipos de relações, não só a de posse no sentido de propriedade, mas também de pertencimento e da relação da parte com um todo.

Tchintchlei (1996) encara a categoria da posse como um reflexo de oposições existentes no mundo externo e que são percebidas e categorizadas pela nossa mente, como “meu vs. do outro”, “parte vs. todo”, etc. Assim como Bondarko, o autor entende as estruturas de posse verbal como aquela que expressa três elementos fundamentais: o possuidor (X), o objeto da posse (Y) e o predicado que estabelece a relação possessiva. A estrutura possessiva com o verbo *iest'* em russo tem status central para o autor, pois é utilizada para transmitir todas as variedades semânticas da posse, inclusive a função básica de propriedade. Essa função, para o autor, é fundamental, do ponto de vista semântico, para a compreensão das variedades semânticas expressas pelas estruturas de posse verbal.

Dessa forma, a estrutura com *iest'* é esquematizada como “U X *iest'* Y”, sendo que a posição de Y pode ser ocupada não só por objetos que pertencem ao possuidor e que são alienáveis, caso central da posse de propriedade, como também (1) partes do corpo, (2) indivíduos, (3) qualidades, propriedades e estados interiores de X e (4) eventos. Em todos esses casos, Y constitui algo inalienável ao possuidor. O autor interpreta essa categoria como uma noção que expressa uma parte de um todo, seja num sentido literal e físico ou metafórico. Assim, os parentes são vistos como partes da família, amigos são componentes do conceito que se denomina amizade, etc. Em resumo, há duas categorias básicas expressas pela posse verbal que se diferenciam no que diz respeito à alienabilidade do objeto – a posse de propriedade e a posse de não-propriedade.

Tchintchlei, como os outros autores, relaciona as construções possessivas com as estruturas locativas e existenciais, que para ele são todas próximas do ponto de vista semântico e formal. Nessa interpretação, o possuidor X é visto como um localizador. Antes de discriminar as principais categorias semânticas que podem ocupar a posição de Y na estrutura de posse verbal com *iest'* (estando o verbo formalmente expresso ou não), o autor chama a atenção para o fato de que na posse que não se refere à propriedade, principalmente a de relação parte/todo, é preciso que haja alguma relevância para traçar uma relação entre X e Y, pois como o todo já pressupõe suas partes, a própria presença de Y na sentença já é o bastante para estabelecer

uma conexão com X. Há um estranhamento, por exemplo, de uma sentença como como U nego iest' ruka (Junto a ele é mão, ou seja, ele tem mão). Portanto, nessas expressões de posse mais ampla, é preciso que Y contenha uma informação não pressuposta a X, seja com um modificador não esperado ou sendo ele mesmo um item não pressuposto.

Refletindo sobre os itens que podem ocupar a posição de Y na posse mais ampla (de não-propriedade), o autor organiza as seguintes categorias:

(1) X é um “possuidor” em relação a um indivíduo que pertence ao seu mundo. Exemplos: U nego iest' nedobrojelateli (Junto a ele é mal-intencionados, i.e. ele tem mal-intencionados). A posição de Y nesses casos é ocupada por um item relacional que aponta para a natureza das relações entre X e Y. Itens que se referem a parentes próximos são inalienáveis e se comportam de forma similar aos da relação parte/todo. Isso é evidenciado, de acordo com o autor, pelo estranhamento de expressões como Iest' u menia sestra (É junto a mim irmã, i.e. eu tenho irmã), Iest' u menia znakomyi (É junto a mim conhecido, i.e. eu tenho um conhecido) e mais ainda Iest' u menia mat' (É junto a mim mãe, i.e. eu tenho mãe). Ou seja, já é pressuposto que haja tais tipos de relações a cada indivíduo.⁴

(2) X é o “possuidor” de um evento, sendo participante dele, por exemplo: U nas sobraniie/sorevnovaniie/lektsia (Junto a nós é reunião/competição/palestra i.e. nós temos uma reunião/competição/palestra); À classe de expressões possessivas nas quais o Y se relaciona com elementos do mundo externo se opõem as expressões nas quais Y denota elementos do micromundo interior da pessoa.

(3) X é o “possuidor” de uma enfermidade ou condição objetificada, por exemplo: U menia jar/oznob (Junto a mim é febre/calafrios i.e. eu tenho febre/calafrios);. Em tais expressões, a situação possessiva se combina com a situação de condição (a noção existencial vem a primeiro plano apenas com algum foco especial, quando um sintoma ou diagnóstico é questionado ou negado).

(4) X é o “possuidor” de propriedades, qualidades e de diversos tipos de efeitos psíquicos. Visto que são atribuídas à pessoa determinadas qualidades, propriedades, ideias, sentimentos e emoções (eles podem ser classificados como inalienáveis), os itens adquirem uma informatividade relevante apenas por conta de um individualizador (i.e. modificador) qualitativo ou quantitativo, por exemplo: *U nego byl tchudesnyi, miagkhkii, naigrannyi golos,*

⁴ É importante mencionar que o contexto pode licenciar outros usos, o que não é explorado detalhadamente pelo autor durante essa categorização. Como se verá adiante, em especial em Timberlake (2004), nos contextos comunicativos em que o falante procura dar uma ênfase na existência de um objeto de posse, ou na relação possessiva em si (por exemplo, ao contrapor sua inexistência, seja ela pressuposta ou afirmada linguisticamente em uma expressão negativa), há uma tendência maior ao uso de *iest'*. Nesses casos não haveria estranhamento, mesmo quando o objeto da relação possessiva faz parte da categoria referida pelo autor.

ubeditel'nyi i priamo dokhodiaschii do serdtsa (M. Bulgakov)⁵.

Em seguida, o autor começa a analisar questões relacionadas à ausência e presença do verbo *iest'* nas estruturas. As expressões podem conter um elemento que traz alguma qualidade (ou quantidade) ao Y. Designando como (r) o atributo qualitativo, temos a estrutura “u X *iest'* Y (r)”. Essa informação adicional acrescenta relevância nas estruturas, estabelecendo duas relações – a que relaciona X e Y, e a que relaciona Y e (r). Aqui, cabe mais uma vez diferenciar a posse alienável (de propriedade) da posse inalienável.

No caso da posse alienável, quando temos (r) na estrutura, Y pode ficar em primeiro ou em segundo plano. Por exemplo, *U nego iest' prekrasnyi dom* (Junto a ele é bela casa, i.e. Ele tem uma bela casa) e *U nego prekrasnyi dom* (Junto a ele bela casa, i.e. Ele tem uma bela casa). Diversos autores são unânimes em afirmar que a forma com *iest'* procura estabelecer o fato da existência, já a forma nula possui o foco comunicativo voltado para o outro componente da estrutura (o modificador (r)). Isto é, o foco em tais expressões será ou na situação possessiva, ou na relação qualitativa. No caso das expressões exemplificadas acima, enquanto a primeira (com o verbo *iest'*) tem o foco na existência de “bela casa” como objeto de posse do possuidor, a segunda (sem o verbo) tem o foco no adjetivo “bela”, e o objeto de posse em si, “casa”, fica em segundo plano.

No caso da posse com Y inalienável, o primeiro aspecto das relações normalmente não são as asserções, mas sim os modificadores. Isso explica a ausência de *iest'* em, por exemplo, *U neio prekrasnyie glaza* (Junto a ela lindos olhos, i.e. Ela tem olhos lindos), e o estranhamento do uso do verbo em **U neio iest' prekrasnyie glaza* (Junto a ela é lindos olhos, i.e. Ela tem lindos olhos). O autor observa que há casos em que o próprio Y faz com que uma qualificação seja suposta na expressão como um todo, sem que um modificador seja formalmente representado. Nesse caso, *iest'* está presente. No entanto, esse mesmo item Y, quando traz uma qualificação não pressuposta na interpretação e um modificador precisa ser formalmente representado, *iest'* fica ausente. Observe: *U nego iest' golova* (Junto a ele é cabeça, i.e. Ele tem cabeça⁶), mas *U nego svetlaia golova* (Junto a ele brilhante cabeça, i.e. Ele tem uma mente esclarecida); *U devotchki iest' golos* (Junto à garota é voz, i.e. A garota tem voz⁷), mas *U devotchki khorochii golos* (Junto à garota boa voz, i.e. “A garota tem voz boa”). O que o autor demonstra com esses exemplos é que, no caso da posse inalienável, o foco tende a recair sobre uma qualificação (r) e por isso o verbo *iest'* tende a ser ausente, exceto quando Y por si só é interpretado como trazendo uma qualificação na expressão sem ter um modificador formalmente representado.

O verbo *iest'* também pode ser empregado nos casos em que (r) possui, em vez de uma

⁵ Ele tinha uma voz branda, maravilhosa, simulada, convincente e que atinge diretamente o coração. (M. Bulgákov)

⁶ Essa expressão pode ser interpretada de forma similar a “ele tem a cabeça no lugar” do português, no sentido de ser sensato. Ou seja, uma caracterização é interpretada, mesmo não havendo um modificador.

⁷ Mais uma vez, a expressão é interpretada como uma qualificação. “A garota tem voz” significa que ela tem uma boa voz ou uma voz forte, para cantar, por exemplo.

caracterização, uma função restritiva, como em U neio khorochii slukh (Junto a ela boa audição, i.e. Ela tem uma boa audição), mas U neio iest' muzykal'nyi slukh (Junto a ela é musical audição, i.e. Ela tem uma audição musical). No segundo caso, (r) se apresenta como um todo junto a Y, ou seja, como numa expressão não modificada. Assim também podem ser percebidas as palavras sedyie volosy (cinzas cabelos, i.e. cabelos grisalhos) na expressão U neio iest' sedyie volosy (Junto a ele é cinzas cabelos, i.e. Ele tem cabelos grisalhos) e gnilyie zuby (podres dentes, i.e. dentes podres) na expressão U nego iest' gnilyie zuby (Junto a ele é podres dentes, i.e. Ele tem dentes podres).

Através da oposição iest' e marca nula, a língua russa sinaliza não apenas onde recai o foco comunicativo, mas também as diferenças em relação a outros atributos. Por exemplo, no emprego de itens “obrigatórios” na posição de Y que denotam uma união coletiva (do tipo dentes, cabelos), se estabelece o contraste de oposição em relação ao atributo parcialidade/totalidade, compare: U neio iest' sedyie volosy (Junto a ela é cinzas cabelos, i.e. Ela tem cabelos grisalhos) - U neio sedyie volosy (Junto a ela cinzas cabelos, i.e. Ela tem cabelos grisalhos)⁸. Quando falamos de itens de propriedade alienável que indicam objetos de vestuário, tal contraste implica na diferença em relação ao atributo atemporalidade/atualidade do fato da posse. Compare: U nego iest' novyi plasch (Junto a ele é nova capa de chuva, i.e. Ele tem uma capa de chuva nova, em geral) e U nego novyi plasch (Junto a ele nova capa de chuva, i.e. Ele tem uma capa de chuva nova, que está com ele no momento da enunciação).

O autor também comenta sobre as predicções negativas, mostrando que a partícula negativa net (não) se relaciona à presença de alguma substância (ou seja, é um predicado de negação da existência, contrapondo a afirmativa iest').

Em resumo, o trabalho de Tchintchlei define importantes aspectos sobre a posse em geral ao caracterizar a semântica das estruturas e relacioná-las com subcategorias semânticas. Também importantes são os apontamentos a respeito da diferença das construções de posse com e sem o iest', levantados em diversos momentos. Esses apontamentos podem ser sistematizados da seguinte maneira: 1) enquanto a construção com iest' focaliza o fato de uma existência, a construção sem iest' possui o foco comunicativo voltado para o modificador do objeto da posse. 2) quando o item de Y denota um agrupamento pressuposto (como dentes, cabelos) com um modificador, a construção com iest' faz um destaque parcial desse conjunto, enquanto a construção sem iest' se refere a totalidade do conjunto. 3) quando Y denota objetos de vestuário, a construção com iest' transmite um significado menos especificado do ponto de vista temporal, dando um tom mais permanente à relação possessiva, enquanto a construção sem iest' denota uma relação mais temporária.

Timberlake (2004) também relaciona as construções possessivas com as construções locativas e existenciais. Nesses casos, a predicação estabelece a presença ou ausência de uma

⁸ A primeira expressão afirma que parte do cabelo de X é grisalho, enquanto a segunda expressão afirma que todo o cabelo de X é grisalho.

entidade em um domínio, sendo que a entidade é entendida como token (ou instanciação) de um tipo, e o domínio já é previamente conhecido. No caso da construção de posse especificamente, o uso da preposição U com o caso genitivo estabelece uma esfera de controle ou influência de uma entidade animada. Ou seja, o domínio onde algo está localizado é justamente a área de controle de um indivíduo. Assim sendo, o autor afirma que a construção possessiva nada mais é do que um caso especial da construção existencial com *iest'*.

Em seguida, o autor fala sobre a presença ou ausência do verbo *iest'* nas construções possessivas existenciais:

Iest' é apropriado quando a relevância do enunciado é se um token de um tipo existe ou não. *Iest'* é omitido quando já se presume que algo de um tipo geral existe, e o interesse comunicativo recai sobre a existência de uma variedade particular do tipo. (TIMBERLAKE, 2004, p. 313)

Tendo proposto essa relação, o autor apresenta diversos exemplos em contextos mais específicos, porém sempre relacionados à questão do tipo e do token. *Iest'* normalmente é omitido nas seguintes situações:

(i) quando a sentença descreve partes do corpo de um indivíduo, pois as partes são pressupostas como existentes e a sentença apenas diferencia um subtipo de outro:

(1) *U Lidy bolee krasivoe litso, tchem u Toni.*
A Lida tem um rosto mais bonito do que a Tonia.

(ii) quando a sentença identifica uma doença ou condição que afeta o possuidor, pois se pressupõe que exista um tipo de condição psicológica ou médica para começar:

(2) [...] *vratch opredelil, tchto u neio molnienosnaia sarcoma.*
o médico determinou que ela tem um sarcoma fulminante.

(3) *V tom, tchto u nikh roman, ia ne somnevaius'.*
Que eles têm um caso, eu não duvido.

(iii) quando um nome é modificado por um adjetivo superlativo, onde o objetivo comunicativo é selecionar um indivíduo de um conjunto de entidades – aquele que manifesta o maior grau da propriedade. O conjunto tem existência pressuposta:

(4) *U neio samaia lutchaiia komnata.*
Ela tem o melhor quarto.

(iv) quando o objetivo comunicativo é estabelecer uma quantidade, onde o token que está sendo quantificado já é pressuposto como existente:

- (5) *Ia khotchu zaplatit' za bilet, u menia vosem'desiat' piat' kopeek.*
Eu quero pagar pelo ingresso, eu tenho oitenta e cinco copeques.

(v) quando uma parte do corpo é mencionada junto com o possuidor, o que pressupõe um cenário em que diferentes objetos podem estar localizados em diferentes sublocalizações em momentos diferentes:

- (6) *V pravoj ruke u nego buket.*
Na mão direita ele tem um buquê.

(vi) quando se descreve peças de roupa e vestuário:

- (7) *Valia pridiot na korotkoe vremia. U neio kostium podsnejnika iz kostiumernoi masterkoi, gde ch'iut artistam.*
Valia chegará em breve. Ela tem uma fantasia de flor da oficina de fantasias, onde costuram para os artistas.

Iest' não é utilizado em todos os contextos em que o token de um tipo é tomado como existente e a predicação estabelece qual subtipo da entidade é possuído. Ao contrário, *iest'* é usado quando nenhum token de um tipo é pressuposto como existente e a sentença procura estabelecer a existência de um token de um tipo em algum domínio, em oposição a sua não existência. Objetivamente, *iest'* deve ser usado:

(i) quando a sentença envolve uma negociação que verifica se algo existe de fato:

- (8) L: *Na datchu uezjaete segodnia?*
A: *Segodnia ili zavtra s utra.*
L: *U vas utchastok iest' tam, da?*
A: *Iest' utchastok. Rastiot tchto-to v niom. Mat' zanimaetsia...*
L: *Podmidory uje iest'?*

- L: *Vocês vão pra datcha hoje?*
A: *Hoje ou amanhã de manhã.*
L: *Vocês têm um terreno lá, né?*
A: *Temos um terreno. Cultivamos algumas coisas. A mãe que cuida...*
L: *Já tem tomates?*

(ii) quando uma condição é envolvida, onde é importante saber se algo existe ou em contextos em que a existência é enfatizada:

(9) *U nas v guimnazii zvoniat roditeliam, iesli u nikh iest' telefon. A iesli net,*
...

Na nossa escola eles ligam para os pais se eles têm um telefone. Se não, ...

(10) *N: Net, u nego netu machiny.*

I: Niucha skazala, tchto iest' u nikh teper' machina. Babuchka otdala im staryi fol'ksvaguen.

N: Não, ele não tem carro.

I: Niucha disse que eles têm um carro agora. A avó deu pra eles um Volkswagen velho.

(iii) *Iest'* é comumente usado com *i* (ainda), *tol'ko* (apenas), *vsio-taki* (ainda assim), *eschio* (e mais), *daje* (e ainda), *drugoi* (outro), operadores que focam no polo positivo da posse:

(11) *U neio iest' drugoe chelkovoe plat'e, ego ona nosit po subbotam.*

Ela tem outro vestido de seda, ela o veste no sábado.

(12) *U menia toje iest' iumor.*

Eu também tenho humor.

Em seguida, o autor apresenta algumas situações em que o uso ou não de *iest'* não é tão previsível.

(13) *U nego (iest') starinnaia mebel'.*

Ele tem mobiliário antigo.

A sentença (13) pode ser expressa com e sem o verbo *iest'*. Quando o verbo está ausente, ela pode ser parafraseada como “o mobiliário que ele tem é antigo”. Por sua vez, quando o verbo está presente, a sentença transmite a ideia de que “ele tem (ao menos algum) mobiliário antigo”.

Fundamentos teóricos

Nesta seção, faremos uma breve descrição da abordagem teórica que fundamentou e motivou a pesquisa. Adotamos a linha da Gramática de Construções⁹ e, em particular, das abordagens construcionistas de base funcional-cognitivas, também chamadas de Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). A premissa fundamental compartilhada pelas

⁹ Há um conjunto de abordagens que se denominam Gramática de Construções, cada uma com suas particularidades, mas compartilhando uma base comum. Duas delas, em especial, foram tomadas como referências nesta pesquisa – a Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG 1995, 2006) e a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1990, 1991, 2008).

diferentes vertentes construcionistas é a de que a gramática de uma língua tem natureza simbólica, ou seja, é constituída por símbolos que trazem em si uma forma e um significado inerentemente atrelados¹⁰, de modo que um possa evocar o outro – uma construção. As construções são unidades básicas que compõem o inventário gramatical de uma língua, sendo necessárias e suficientes para descrevê-la.

O aspecto funcional-cognitivo traz à abordagem a noção de que o uso e a experiência linguística do falante influenciam constantemente o conhecimento linguístico, dando importância para questões como a frequência de uso das expressões, por exemplo. Basicamente, se um símbolo é constituído por forma e significado atrelados de modo inerente, então os significados e o modo como a mente (a cognição humana) os percebe e os constrói afeta diretamente a forma linguística estabelecida e usada na comunicação. Adotando esse ponto de vista, é impossível falar de língua e gramática sem falar de cognição, função e uso linguístico. Ademais, a GCBU advoga que as construções que constituem o inventário de uma língua estão conectadas umas às outras de diversas formas, formando uma rede complexa de unidades.

Também muito caro a esta pesquisa é o princípio da não sinonímia das formas gramaticais, que afirma que “se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente” (GOLDBERG, 1995, p. 67). Em outras palavras, a GCBU adota como hipótese a noção de que uma diferença na forma sintática reflete uma diferença semântica e/ou pragmática.

Dessa forma, as expressões [U menia iest’ SN] e [U menia SN] são ambas construções utilizadas para expressar posse, de alguma forma relacionadas, porém que, por conta da diferença na forma referente ao uso do verbo *iest’*, devem transmitir significados diferentes em alguma medida. A abordagem teórica que acaba de ser resumidamente descrita foi escolhida por duas razões. A primeira é a de que justamente um paradigma teórico que compartilha da premissa de que a linguagem é simbólica e que estrutura linguística (forma) e função (significado) se afetam diretamente que vai ter um interesse particular por fenômenos como o do uso alternado das estruturas de posse verbal em russo, onde o verbo *iest’* se faz presente e ausente em diferentes circunstâncias. A segunda razão é a de que tal paradigma já tem se debruçado sobre questões desse tipo há algum tempo, havendo certo acúmulo e um arsenal perspicaz e coerente para a análise do objeto.

Metodologia

Nesta pesquisa, duas análises foram realizadas. A primeira, de natureza quantitativa, procurou mapear as relações das duas construções de posse (com e sem o verbo *iest’* expresso)

¹⁰ Aqui, significado deve ser entendido num sentido amplo, incluindo aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos. A forma, por sua vez, inclui aspectos fonológicos, prosódicos, morfológicos e sintáticos.

com determinadas variáveis formais e de significado. O objetivo dessa análise foi observar com estatísticas alguns dos apontamentos a respeito do uso das construções com e sem *iest'* levantados pelos autores apresentados na seção anterior, pois algumas das variáveis elencadas foram diretamente motivadas pelas suas hipóteses. Uma outra parte das variáveis foi escolhida unicamente com o intuito de observar padrões distribucionais e tentar descobrir se há alguma outra relação não observada anteriormente. A segunda análise, de natureza qualitativa, enfocou o uso do item *vopros* (pergunta) na posição de objeto da posse de ambas as construções, buscando explicar, a partir dos contextos dos dados, o que motiva a alternância das construções com esse item. Cabe mencionar que, para que houvesse um recorte mais objetivo do nosso objeto de estudo, escolhemos analisar as construções com *menia*, se referindo sempre à primeira pessoa, de modo que apenas o SN variasse em cada uma delas.

Ambas as análises envolveram a utilização de um corpus selecionado da página online Corpus Nacional da Língua Russa (*Natsional'nyi korpus russkogo iazyka*). Dentre as diversas categorias existentes na página, apenas o corpus oral foi utilizado para compor os dados, sendo assim descrito:

O corpus de discurso oral (existente autonomamente desde 2007) inclui transcrições de gravações de discurso oral público e privado, bem como transcrições de filmes. Utiliza-se a ortografia russa padrão (juntamente com ocorrências mais frequentes e convencionais de formas contraídas). Pode-se fazer uma busca lexical, morfológica e semântica, e também formular um subcorpus do usuário, inclusive sob parâmetros sociológicos. Incluem-se os mais diversos tipos e gêneros textuais, de diversas procedências do ponto de vista geográfico (Moscou, São Petersburgo, Saratov, Ulianovsk, Taganrog, Ecaterimburgo, Norilsk, Voronej, Novosibirsk e muitas outras). A abrangência cronológica do corpus compreende os anos 1900 e os anos 200011.

Para a pesquisa, um subcorpus foi criado no site com filtros buscando dados de 2001 a 2017 (embora o dado mais recente encontrado tenha sido de 2012), contendo falas públicas e não públicas. Realizou-se uma busca com os termos “*U menia*”. Em seguida, um novo filtro foi feito, dessa vez a partir de um trabalho manual, que eliminou todos os dados em que não é possível estabelecer uma comparação entre as duas construções, isto é, dados que não estejam no tempo presente (onde o verbo é sempre obrigatório), que estejam na negativa (onde a partícula negativa *net* proíbe o uso de *iest'*), em que “*u menia*” não esteja numa construção possessiva, que não atenda a ordem canônica de “*u menia*” mais SN (pois a mudança de ordem gera outros efeitos de significado concomitantes), etc. Esse processo de seleção resultou em 128 dados com a construção de posse com verbo *iest'* (doravante construção A) e 408 dados com a construção sem verbo *iest'* expresso (doravante construção B), totalizando 536 dados.

Na análise estatística, cada dado foi submetido a uma classificação quanto a um conjunto de variáveis e, em seguida, submetidos à análise estatística no programa R. Por fim,

¹¹ Disponível em: <<http://www.ruscorpora.ru/corpora-structure.html>> . Acesso em: 30 de out. 2019

os valores encontrados foram submetidos a um teste de qui-quadrado¹² pelo próprio programa. As variáveis independentes consideradas podem ser divididas em variáveis formais (fonológica, sintática) e variáveis de significado (semântica, pragmática)¹³.

Variáveis formais

Dentre as variáveis analisadas, as que se referem à forma das construções são o tamanho do SN do ponto de vista fonológico e a presença de modificadores no SN. O SN se refere à posição ocupada pelo objeto conceptual da posse nas construções. A variável tamanho do SN envolveu categorizar os itens em 3 grupos – (1) SN pequeno (1 ou 2 sílabas fonológicas), (2) SN médio (de 3 a 5 sílabas) e (3) SN grande (de 6 ou mais sílabas). A contagem silábica incluiu modificadores próximos ao item do núcleo do SN. A variável presença de modificadores partiu da hipótese de que a construção A é menos utilizada quando há na sentença de posse verbal a presença de um ou mais modificadores no SN. Ao contrário, a construção B é utilizada com maior frequência nessas mesmas condições. Essa variável se baseia em Tchintchlei (1996), que propõe que construções de posse com *iest'* focalizam o fato de uma existência (a posse em si), enquanto construções sem o verbo expresso enfocam um modificador do objeto da posse. Os dados foram classificados como (1) sim e (2) não, de acordo com a presença ou ausência de modificadores, respectivamente. Foram considerados modificadores itens como numerais e outros quantificadores, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, adjetivos com função de adjunto e locuções prepositivas ligadas ao nome, bem como o uso de um nome no caso genitivo como caracterizador do objeto, justaposto a ele.

Variáveis de significado

Foram consideradas sete variáveis de significado, algumas delas mais relacionadas à semântica, outras à pragmática ou ao nível discursivo. A primeira delas é a concretude do objeto, onde o objeto da posse pode ser (1) concreto ou (2) abstrato. A segunda é a animacidade

¹² O teste de *qui-quadrado*, frequentemente utilizado nas análises de estatística inferencial, é um cálculo que tem a função de estabelecer se determinados valores de interação entre variáveis são significativos do ponto de vista estatístico. O cálculo é feito através da comparação do valor esperado da frequência das variáveis caso nenhum fenômeno esteja gerando algum efeito nos resultados e o valor encontrado numa amostra. Dessa forma, o teste nos permite saber com qual probabilidade os valores encontrados ocorreram por uma razão aleatória, sem relação com um fenômeno específico, ou se um fenômeno, levantado como hipótese anteriormente, pode ter exercido um efeito real nos valores.

¹³ As variáveis independentes *tamanho do SN*, *concretude*, *animacidade*, *item lexical* e *categoria lexical* foram escolhidas a fim de se obter uma descrição inicial do fenômeno e apresentam hipóteses não direcionadas, enquanto as variáveis independentes *presença de modificadores*, *prototipicidade*, *tipo/token* e *identificabilidade* foram motivadas por hipóteses mais específicas, direcionadas.

do objeto, também havendo duas categorias possíveis: objeto (1) animado ou (2) inanimado. A terceira variável é a de prototipicidade da posse e tem base em Langacker (2009), que considera que a posse, como qualquer outra noção gramatical fundamental, possa ser entendida semanticamente tanto num nível prototípico, quanto num nível esquemático. O objetivo foi analisar se havia alguma relação entre as construções A e B e as categorias de posse prototípica de (1) propriedade, (2) parentesco, (3) relação parte/todo e posse (4) não prototípica, que abarca todos os outros usos diferentes dos três primeiros.

A quarta variável tem base em Timberlake (2004). De acordo com o autor, o verbo *iest'* nas sentenças de posse aparece quando a intenção comunicativa do falante é estabelecer a existência de um token de um tipo não especificado. Por outro lado, o verbo está ausente quando a intenção comunicativa é estabelecer a existência de uma variedade particular do tipo de um token, já tomado como existente. Em outras palavras, a construção com o verbo procura marcar a existência de uma instanciação, enquanto a construção sem o verbo procura marcar qual é o tipo de uma instanciação já tomada como existente. Observe que nos dois casos, há uma instanciação (um token) envolvida. O fator proposto pelo autor diz respeito apenas à direcionalidade do enfoque do falante dentro dessa relação de tipo e instanciação, de modo que a variável aqui nomeada como “tipo e token” se refere apenas a qual enfoque foi dado nas sentenças. A hipótese adotada é a de que a construção A é preferida e utilizada com maior frequência nas sentenças de posse verbal que focalizam a existência de um token, enquanto a construção B tende a ser mais utilizada quando as sentenças focalizam estabelecer um tipo de um token já estabelecido. A variável contém apenas duas categorias: (1) tipo e (2) token.

A quinta variável se apoia na teoria de Lambrecht (1994) e diz respeito à estrutura da informação, aspecto pragmático e discursivo das construções de posse – a identificabilidade do SN. Os aspectos de identificabilidade de um referente se relacionam com os estados psicológicos da consciência e da memória de curto e longo prazo do falante/ouvinte. Se buscou observar, a partir dos contextos das falas e diálogos dos dados, se o referente objeto da posse das construções estão (1) ativos, (2) acessíveis ou (3) não identificáveis na mente do falante até o momento em que a expressão possessiva foi proferida (quando o referente passa, necessariamente, a estar ativo). A hipótese levantada é a de que as construções são utilizadas em frequência diferente conforme o grau de identificabilidade/ativação do referente: a construção A é utilizada com maior frequência quando o falante considera que o ouvinte tem pouca ou nenhuma consciência do referente objeto da posse (i.e., quando este é não identificável). A construção B é utilizada com maior frequência quando o referente objeto da posse é tomado como ativo ou acessível.

Por fim, as duas últimas variáveis – item lexical e categoria lexical - foram motivadas apenas para a identificação de padrões distribucionais. O objetivo foi observar se algum item ou grupo lexical específico costuma aparecer com mais frequência na construção A ou B, ou se algum item/grupo tem uso coibido em uma das construções. Como apresentado na seção anterior, Tchintchlei (1996) discrimina algumas categorias de objetos que podem

ocupar a posição de SN. Essas categorias possuem comportamentos diferentes no que se refere ao uso das construções. Embora o número e tipo de categorias criadas para essa variável seja diferente das do referido autor (o que foi necessário pela complexidade e variedade dos dados), foi essa proposta que motivou a verificação dessa variável. Foram criadas 31 categorias lexicais para a análise.

Resultados

Antes de apresentar e discutir os resultados, cabe mencionar que dos 536 dados selecionados, 172 deles (aproximadamente 32%) continham o item *vopros* (pergunta) na posição de SN. Isso ocorreu por conta do tipo de situação comunicativa que mais emergiu no corpus com o filtro dos dados, a saber, programas de entrevistas e debates com participantes do auditório, onde frequentemente alguém toma a palavra para fazer uma pergunta ao entrevistado. Com esses dados, a análise estatística ficaria enviesada, pois o item *vopros*, pensando nas variáveis escolhidas, é inanimado, abstrato e não prototípico, o que levaria a análise a favorecer o uso da construção B (como se verá adiante) em correlação com essas categorias. O segundo item mais frequente, no entanto, ocorreu em apenas 4% dos dados. Por essa razão, a análise estatística foi realizada sem os dados com *vopros*, incluindo apenas os 364 dados restantes (exceto para as variáveis de item e categoria de SN, cujo objetivo era justamente observar quais elementos ocupavam com maior frequência a posição de SN). A análise dos dados com o item *vopros* foi realizada à parte e será discutida posteriormente nesta seção.

O que se observou, em primeiro lugar, foi uma tendência a se utilizar a construção B com maior frequência do que a construção A, pois dos 364 dados, 116 (32%) foram com a construção A, enquanto 248 (68%) foram com a construção B.

No que se refere à variável tamanho do SN, a análise mostrou que há uma tendência a se utilizar SNs grandes do ponto de vista fonológico, tanto para a construção A, quanto para a B. Ambas são pouco frequentes com itens pequenos. Isso se deve ao fato de que, no discurso, normalmente há algum modificador ou elemento que caracteriza e detalha o SN, fazendo com que seja maior fonologicamente. Entretanto, não há nenhuma correlação entre o tamanho do SN e a construção utilizada.

No que se refere à presença de modificadores, ambas as construções ocorreram com maior frequência com algum modificador no SN – 65% com a construção A e 71% com a construção B. Embora esse resultado indique uma preferência ainda maior por modificadores com o uso da construção B, algo que vai na direção da nossa hipótese, a diferença é muito pequena para que seja considerada significativa do ponto de vista estatístico.

No que se refere à variável concretude do objeto, ambas as construções ocorreram com maior frequência com objetos abstratos numa proporção similar – 64% com a construção A e 70% com a construção B. Esses números não acusam uma diferença significativa do ponto de

vista estatístico.

No que se refere à variável animacidade, revelou-se que ambas as construções ocorrem com maior frequência com itens inanimados. No entanto, essa preferência é ainda mais forte para a construção B, onde ocorreu em 89% dos dados, enquanto com a construção A, ocorreu em 80% dos dados. Essa diferença se demonstrou significativa do ponto de vista estatístico, revelando que há um nível de correlação¹⁴.

No que se refere à prototipicidade da posse, as construções foram mais frequentes com objetos que configuram a posse não prototípica - 75% dos dados com a construção A e 77% dos dados com a construção B. Entre as sentenças de posse prototípica, as duas construções ocorrem numa frequência de 6% quando expressam relação de parentesco; não ocorrem com a construção A e ocorrem em 3% dos dados com a construção B quando expressam relação parte/todo; ocorrem em 19% dos dados com a construção A e em 14% dos dados com a construção B quando expressam posse de propriedade. Mais uma vez, os resultados não demonstraram significância estatística.

Chamamos a atenção para o fato de que não houve nenhum dado de relação parte/todo ocorrendo com a construção A. Também vale mencionar que as construções escolhidas neste trabalho, por razões metodológicas, sempre contêm “U menia”, onde o possuidor se refere a si mesmo. Por essa razão, todos os dados aqui categorizados como relação de parte/todo remetem a partes do corpo. O fato de todas elas ocorrerem com a construção B vai ao encontro do que propõe Timberlake (2004) e, em menor grau, Tchintchlei (1996), quando defendem que o todo do corpo já pressupõe a parte e, portanto, torna o uso de *iest'* desnecessário e até estranho. Essas questões podem ser melhor investigadas com um corpus que contenha uma quantidade maior de dados com essa categoria.

No que se refere à variável tipo/token de SN, a análise nos mostrou que existe uma forte correlação do emprego da construção A com a posse que estabelece um token, isto é, que o enfoque recai sobre a existência da relação de posse em si, caso de 92% dos dados com tal construção. Por sua vez, a construção B teve 43% dos dados com posse-tipo e 57% com posse-token. Essa diferença de uso se demonstrou significativa do ponto de vista estatístico¹⁵.

Por um lado, esse resultado corrobora o que foi proposto por Timberlake (2004) no que se refere à correlação da construção com *iest'* com a posse que estabelece o token, conforme discutido anteriormente. Por outro lado, a correlação da construção sem *iest'* com a posse que enfoca o tipo da relação possessiva fica longe de ser corroborada, visto que a construção foi empregada em proporção similar para relações de tipo e de token. Isso pode sugerir que a construção A seja mais específica, de uso mais restrito, enquanto a construção B parece ser

¹⁴ O teste de *qui-quadrado* executado no programa R revelou o valor de $p=0.04291$, demonstrando que há menos de 5% de chance de que esse resultado tenha sido aleatório, e não produto de uma correlação efetiva entre as variáveis. Convencionalmente, nas análises estatísticas, o valor de p igual ou menor que 0.05 é adotado para que um fenômeno analisado seja considerado significativo.

¹⁵ O teste de *qui-quadrado* executado no programa R revelou o valor de $p=3.343^{-11}$.

mais versátil, contemplando usos mais abrangentes.

No que se refere à variável identificabilidade de SN, vemos que há uma tendência muito forte no uso das construções de posse com referentes não identificáveis, tendência aparentemente ainda mais forte para a construção A, onde 82% dos dados se enquadram nessa categoria. Dados cujos referentes são acessíveis e ativos constituem 9% cada. No que se refere à construção B, 72% dos dados são não identificáveis, 13% são acessíveis e 15% são ativos. As diferentes frequências de uso, no entanto, não demonstram significância estatística.

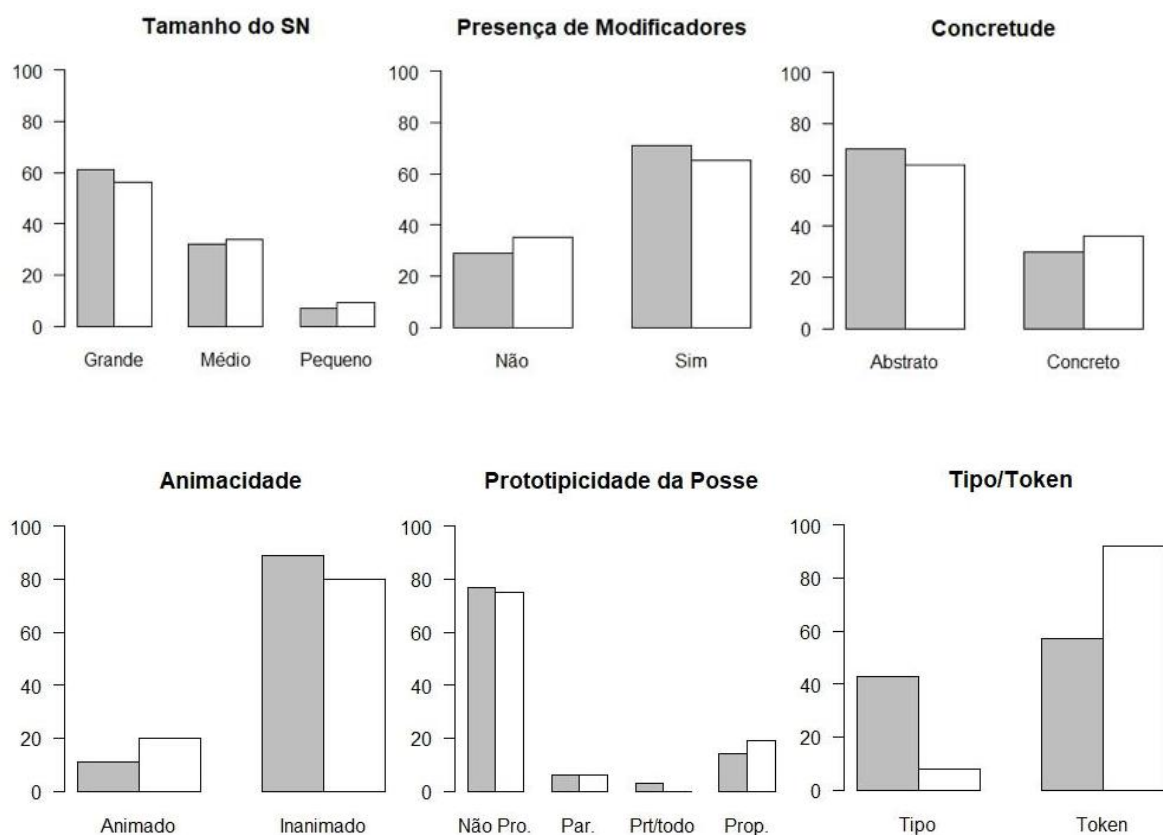
Ainda que tenha sido assim, os números apontam para a direção da hipótese aqui adotada de que a construção A tende a ser mais usada com itens não identificáveis, enquanto a construção B, com itens acessíveis ou ativos. Há algumas dificuldades para avaliar essa variável a partir do corpus utilizado, pois a língua russa não possui artigos, um dos parâmetros para avaliar o grau de identificabilidade de um referente, tendo como uma das alternativas a acentuação fonológica marcada através da entonação da fala, informação de natureza prosódica que também está ausente no site de onde o corpus foi retirado. Os parâmetros que puderam ser aqui utilizados foram a ordem dos elementos e o contexto comunicativo oferecido pelo site, nem sempre extenso o bastante para determinar com precisão. Uma investigação que lide com um corpus mais completo nesse sentido poderá render frutos.

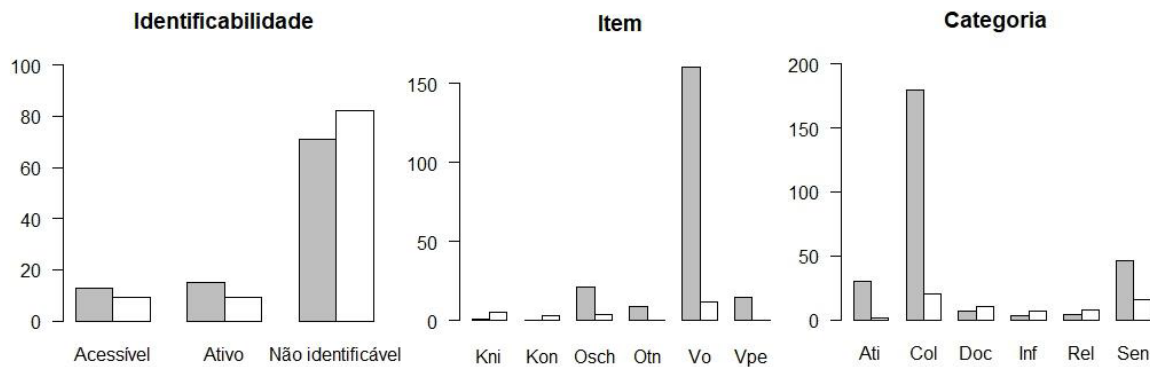
Das variáveis analisadas até aqui, apenas duas demonstraram significância estatística – a animacidade do objeto da posse e a de tipo/token da relação possessiva. Isso sugere que a diferença entre as duas construções é mais sutil do que parece num primeiro olhar. É importante frisar que a quantidade reduzida de dados, 364, pela necessidade da exclusão dos dados com o item *vopros*, pode ter deixado de capturar alguma diferença que seria mais emergente na análise de uma amostra maior. A ausência de resultados significativos em relação às variáveis escolhidas, no entanto, não significa que não há especificidades entre as construções, mas sim que as diferenças se tornam mais visíveis quando olhamos para subgrupos ou subconstruções mais específicas. Essa percepção é endossada pela análise de autores como Tchintchlei (1996), que oferece explicações diferentes para a alternância entre as construções de acordo com categorias específicas em que o objeto possuído se encaixa.

As duas variáveis restantes foram escolhidas para observar padrões de distribuição e está alinhada justamente com a proposta mencionada acima de Tchintchlei (1996). O objetivo foi observar se determinados itens lexicais ou categorias lexicais ocorriam preferencialmente com uma das construções. Como já mencionado, o item que aparece com maior frequência é *vopros* (pergunta). O mais interessante é que dos 172 dados com *vopros*, 160 (93%) ocorreram com a construção B, mostrando uma forte correlação entre o item e a construção. Os outros itens mais frequentes são *oschuscheniie* (sensação), com 25 ocorrências; *vpetchatleniie* (impressão), com 15 ocorrências; e *otnocheniie* (relação), com 9 ocorrências. Os três itens apontam para uma forte correlação com a construção B, visto que, excetuando 4 ocorrências de *oschuscheniie*, todos ocorreram com ela. No que se refere à construção A, poucos dados

podem apontar para alguma preferência, pois na maior parte dos casos em que os itens objetos da posse com a construção A é mais frequente que a construção B, é por apenas 1 ocorrência. O item que mais se destaca nesse sentido é kniga (livro), que das 6 ocorrências, 5 são com a construção A. O item kontakt (contato), com 3 ocorrências, ocorreu sempre com a construção A. Em termos estatísticos, a diferença de frequência encontrada para o uso das construções com cada item lexical se mostrou significativa.

No que se refere às categorias, se destacam “colocação” (grupo em que se inclui o item vopros), com 200 ocorrências; “sensação”, com 62 ocorrências; e “atividade”, com 31 ocorrências. Novamente, todas elas apontam para uma preferência pela construção B: caso de 180 ocorrências de “colocação”, 46 ocorrências de “sensação” e 31 ocorrências de “atividade”. No que se refere à construção A, as que mais se destacaram foram as categorias “relação interpessoal”, com 8 das 12 ocorrências com A; “informação”, com 7 das 10 ocorrências; e “documento”, com 10 das 17 ocorrências. Essa diferença de uso das categorias se mostrou significativa estatisticamente. A figura abaixo apresenta os resultados em forma de gráfico de barras em porcentagem, exceto para as variáveis item lexical e categoria, contabilizados por ocorrências. Em todos os gráficos, a construção A é representada pelas barras brancas, enquanto a construção B é representada pelas barras cinzas:





U menia vopros vs. U menia iest' vopros

Visto que dos 536 dados selecionados inicialmente, 172 ocorreram com o item *vopros*, vamos fazer uma análise à parte desses dados, olhando diretamente para o contexto oferecido pelo *corpus*, buscando compreender em que ocasiões os falantes empregam as construções A e B. Esses dados se caracterizam por ocorrer, quase em sua totalidade, em situações de programas de entrevistas e debates na televisão e rádio. Normalmente, o falante, que pode ser o entrevistador/condutor do programa, algum telespectador/ouvinte por telefone ou alguém da plateia, se coloca para fazer uma pergunta a quem está sendo entrevistado ou ao debatedor. O mais interessante é que 160 dos dados ocorreram com a construção B e apenas 12 com a construção A, mostrando uma forte preferência de *vopros* pela construção sem o verbo *iest'*. Reproduzimos abaixo dois dados bem representativos da expressão *U menia vopros*:

(14) [N°6, muj] Allo. Zdravstvuite! Menia zovut Mikhail. U menia vopros k Aleksandru Fiodorovitchu. Kak izvestno seitchas mnoguiie igroki komandy nakhodiatsia v arende i daje za rubejom. Vopros takoi / vy sledite za igroi etikh igrokov?

[N° 6, homem] Alô. Olá! Eu me chamo Mikhail. *Eu tenho uma pergunta para o Aleksandr Fiodorovitch. Como se sabe muitos jogadores do time estão sendo alugados e até no estrangeiro. A pergunta é a seguinte / você acompanha o jogo desses jogadores?*

(15) [N°0] Etot anekdot ia uje slychal. U menia takoi vopros. Mikhail/ Vy postoianno parodiruite amerikantsev / a chto Vy deistvitel'no dumaete ob etikh liudiakh? [N° 2, muj] Ny vo-pervoykh / ia ikh ne parodiruii.

[N°0] Essa piada eu já ouvi. *Eu tenho a seguinte pergunta. Mikhail/ você constantemente parodia os americanos / e o que você realmente pensa sobre essas pessoas?* [N°, homem] Bom em primeiro lugar / eu não

parodio eles.

Observa-se que o uso de *vopros* com a construção B se caracteriza não apenas pelo significado mais básico que a expressão transmite, mas também por licenciar o falante a fazer uma pergunta ao interlocutor logo em seguida. De um ponto de vista pragmático e discursivo, o falante não apenas relata que possui uma pergunta, mas também se prepara para fazê-la enquanto o interlocutor, consciente disso, espera pela pergunta. Vejamos alguns dados com a expressão *U menia iest' vopros*:

(16) [Ryjkov, muj] *U menia / mojet byt' / ne po povodu zakona o grajdanstve / iesli by u nas kto-to byl iz Pitera / vopros po piterskim vyboram ia khotel by zadat'.* [Boltianskaia, jen] *U nas iz Pitera / vopros otchen' mnogo.* [Ryjkov, muj] *Mne nujen kto-nibud' iz Peterburga / u menia iest' dva voprosa k nim.* [Boltianskaia, jen] *Seitchas ia poprobuiu nabrat' Mikhaila / vo vsiakom sletchae / popytaius' eto sdelat'. K sojaleniiu / ia tut nemnojetchko rasterialas' / i ne polutchilos' u nas sviazi. Vot ia nabiraiu gorod Peterburga i seitchas uje iest' u nas...*

[Ryjkov, homem] *Eu tenho / talvez / não sobre a lei de cidadania / se tivesse alguém conosco de Piter / uma pergunta sobre as eleições de Petersburgo eu gostaria de fazer.* [Boltianskaia, mulher] *Nós temos muitas perguntas de Piter.* [Ryjkov, homem] *Eu preciso de alguém de Petersburgo / eu tenho duas perguntas para ele.* [Boltianskaia, mulher] *Agora eu vou tentar ligar para o Mikhail / em todo caso / estou tentando fazer isso. Infelizmente / eu me perdi aqui um pouco / e não deu certo a ligação. Estou ligando para a cidade de Petersburgo e agora a gente já tem...*

(17) [Bytchkova, jen] *Da. Tol'ko te voprosy / kotorye prikhodiat na nach efirnyi peidjer 961-2222 / abonent "Ekho Moskovy". U menia uje iest' tut takaia podborotchka voprosov / kotorye uje prichli na nach sait v Internete. I u nas iest' eschio telefon priamogo efira 783-48-83. Ia khotchu srazu skazat' / chto vtchera Vladimir Ryjkov utchastvoval v efire Sergueia Buntmana.*

[Bytchkova, mulher] *Sim. Apenas aquelas perguntas / que chegam no nosso pager 961-2222 / assinado "Eco de Moscou". Eu já tenho aqui aquela pequena seleção de perguntas / que já chegaram no nosso site na Internet. E nós ainda temos o telefone ao vivo 783-48-83. Eu quero dizer rapidamente / que ontem o Vladimir Ryjkov participou ao vivo do*

Seguei Buntman.

À diferença do que ocorre em (14) e (15), em (16) e (17) o falante não se direciona a alguém para fazer uma pergunta, tomando o turno da fala. O objetivo é apenas mencionar que há perguntas a serem feitas por parte dele. No caso de (16), a pessoa a quem serão feitas as perguntas nem mesmo está definida. No caso de (17), o objetivo é apenas mencionar que as perguntas já estão separadas e sendo preparadas para serem feitas num momento posterior. Há alguns outros casos em que a construção A é empregada com *vopros*:

(18) [Vadim Tikhomirov, muj] *Iesli vy khotite / prisoediniaites' k nachemu razgovoru. Kod goroda Moskvoy / kto ne znaet / tchetyre deviat' piat'. Iesli u vas iest' voprosy...* [Stanislav Sadal'skii, muj, 57, 1951] *Vadik / u menia iest' vopros k vam.* [Vadim Tikhomirov, muj] *Da. Pojaluiista.* [Stanislav Sadal'skii, muj, 57, 1951] *Skajite / potchemu vot ran'che vy rabotali na drugoi radiostantsii / a potchemu vy schas vot perechli na "Maiak"?*

[Vadim Tikhomirov, homem] *Se você quiser, se junte à nossa conversa. O código de Moscou / pra quem não sabe / é quatro nove cinco. Se você tem perguntas...* [Stanislav Sadal'skii, homem, 57, 1951] *Vadik / eu tenho uma pergunta para você.* [Vadim Tikhomirov, homem] *Sim. Por favor.* [Stanislav Sadal'skii, homem, 57, 1951] *Diga / por que é que antes você trabalhava em outra rádio / e por que você mudou agora para a "Maiak"?*

Em (18), temos a situação na qual o que está em discussão é a existência ou não de perguntas. Primeiro, o condutor do programa questiona a hipótese de que um ouvinte possa ter perguntas sobre o que está sendo discutido, o instruindo a ligar para o programa e perguntar. O verbo *iest'* é utilizado. Em seguida, o participante do programa, que já estava próximo do apresentador, afirma ter uma pergunta a ele. Ele comunica essa informação e mantém o uso do *iest'*, mantendo, por consequência, o foco na existência de perguntas por parte dele. Repare que, antes de começar a fazer a pergunta, o falante aguarda a deixa do apresentador, o que não costuma acontecer com a construção B, onde já se espera que a pergunta seja formulada pelo falante.

(19) [Kiselev, muj] *Rebiata / kakie voprosy iest'?* [S mesta] *Net voprosov.* [Kiselev, muj] *Kak eto net voprosov?* [Tcherkizov, muj] *U menia iest' vopros.* [Kiselev, muj] *U Tcherkizova iest' vopros.* [Gusinskii, muj] *Net voprosov? Ia pochiol obratno v tiur'mu togda / iesli voprosov net.* [Tcherkizov, muj] *U menia vopros. Zdravstvuite / Vladimir Aleksandrovitch / menia zovut*

Tcherkizov. [S mesta] Nu da / privet. [Tcherkizov, muj] U menia vopros prostoi.

[Kiselev, homem] Pessoal / quais perguntas temos? [Do lugar] Não tem perguntas. [Kiselev, homem] Como não tem perguntas? [Tcherkizov, homem] *Eu tenho uma pergunta.* [Kiselev, homem] O Tcherkizov tem uma pergunta. [Gusinskii, homem] Não tem perguntas? Vou voltar para a prisão então / se não tem perguntas. [Tcherkizov, homem] *Eu tenho uma pergunta.* Olá / Vladimir Aleksandrovitch / eu me chamo Tcherkizov. [Do lugar] sim / olá. [Tcherkizov, homem] Minha pergunta é simples.

Em (19), temos um diálogo onde as duas construções são empregadas. O condutor do programa começa a questionar a existência de perguntas, incentivando a plateia a questionar a pessoa entrevistada. Uma pessoa diz que não há perguntas até que alguém da plateia se coloca e menciona ter uma pergunta. Repare que nessa primeira parte do diálogo, claramente o que está em jogo é a existência ou não de perguntas, com expressões afirmativas marcando um contraponto às expressões negativas (*iest'* vs. *net*). Depois de estabelecida na situação comunicativa a existência da pergunta, a mesma pessoa que havia afirmado ter uma pergunta empregando a construção A, faz a mesma afirmação, porém dessa vez empregando a construção B. A diferença é que aqui o falante pega o turno de fala para si e, se dirigindo ao entrevistado, começa a se apresentar e a formular a pergunta. Esse dado mostra claramente a diferença entre comunicar a existência de uma pergunta, noção associada à construção A, e tomar o turno de fala e se dirigir à pessoa questionada, formulando a pergunta, noções associadas à construção B.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar os resultados de uma pesquisa que envolveu investigar as construções de posse verbal em russo [*U menia iest'* SN] e [*U menia* SN]. Pautado pelo *princípio da não sinonímia*, que afirma que diferenças na forma das construções refletem diferenças de significados, realizamos uma análise de natureza estatística e outra de natureza qualitativa, observando o contexto dos dados. Em ambas as análises foi utilizado um *corpus* oral com dados de 2001 a 2012, retirados da página online *Corpus Nacional de Língua Russa*. A análise estatística envolveu verificar, utilizando o programa *R* como ferramenta, a correlação das construções com nove variáveis – o *tamanho do SN*, a *presença de modificadores* no SN, a *concretude* do objeto da posse, a *animacidade* do objeto da posse, a *protipicidade da posse*, a relação de *tipo/token*, a *identificabilidade* do referente de SN e os *itens* e *categorias* lexicais que ocupam o SN com maior frequência. Parte das variáveis foi escolhida em sintonia com hipóteses já

propostas por diversos autores a respeito do uso das construções, parte foi escolhida a critério de verificação de novas relações. A análise qualitativa envolveu uma observação cuidadosa dos dados em que ocorreram o uso das construções com o item *vopros* na posição de SN, item que teve maior número de ocorrências no *corpus* selecionado.

Na primeira análise, duas variáveis demonstraram significância estatística – *animacidade* do objeto da posse e relação *tipo/token*. A primeira demonstrou que ambas construções são utilizadas com itens inanimados com grande frequência, porém essa relação é ainda mais forte para a construção sem verbo. Esse resultado foi inesperado e precisa ser melhor averiguado. A segunda demonstrou que existe uma relação entre a construção com verbo *iest'* e o objetivo comunicativo do falante de estabelecer uma relação de *token* com a construção, ou seja, de focalizar na existência da posse em si (e não em um tipo particular de *token*). Embora a construção sem verbo seja usada nos dois casos, o resultado referente à construção com *iest'* está em consonância com a hipótese de Timberlake (2004), contribuindo para sua corroboração. O fato de a maioria das variáveis não ter demonstrado significância estatística, boa parte delas pautada por hipóteses de diversos autores, nos indica que a diferença entre as construções pode ser mais sutil do que parece num primeiro momento. Isso também sugere que as diferenças podem ser mais evidentes e emergentes quando analisamos subgrupos específicos de itens nas construções, pois a alternância de uso delas pode se dar por diferentes motivos, a depender do subgrupo analisado, algo que pode ser percebido na análise qualitativa.

Por fim, verificou-se com a análise qualitativa que o uso do item *vopros* tem forte preferência pela construção sem verbo, com uma diferença de frequência gritante em relação à construção alternativa. Junto a isso, observou-se que a construção de posse sem verbo se caracteriza por ocorrer em contextos onde o falante não apenas comunica ter uma pergunta, mas também é autorizado a tomar o turno de fala para si e a formular a pergunta logo em seguida – algo que se relaciona ao nível pragmático-discursivo da construção. Ao contrário, nos poucos casos em que *iest'* estava presente, o falante apenas relata ter uma pergunta, sem formulá-la ou direcioná-la a alguém específico, ou apenas servindo para contrapor à negação da posse.

Referências Bibliográficas

BONDARKO, A. V. *Teoriia funktsional'nyi grammatiki: lokativnost', bytiinost', possessivnost', obuslovlennost'*. São Petersburgo: Nauka, 1996. 229 p.

Corpus Nacional de Língua Russa (Национальный корпус русского языка). Disponível em: <http://www.ruscorpora.ru/> Acesso em: 4 de julho de 2017.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995. 265 p.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Nova Iorque:

Oxford University Press, 2006. 280 p.

GRIES, S. Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: A practical introduction*. Nova Iorque: Taylor & Francis, 2009. 248 p.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 90

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. vol. I: Theoretical prerequisites. Standford CA: Stanford University Press, 1987. 540 p.

LANGACKER, R. W. *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990. 395 p.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. vol. II: Descriptive applications. Standford, CA: Stanford University Press, 1991. 628 p.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. 562 p.

LANGACKER, R. W. Possession, location, and existence. In: _____. *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 81-108.

RODRIGUES, E. P. *Construções de posse predicativa em língua russa: uma abordagem construcionista*. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TCHINTCHLEI, K. G. Pole possessivnost' i possessivnyie situatsii. In: BONDARKO, A. V. *Teoriia funktsional'nyi grammatiki: lokativnost', bytiinost', possessivnost', obuslovlennost'*. São Petersburgo: Nauka, 1996. 229 p. 100-118.

TIMBERLAKE, A. *A Reference Grammar of Russian*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2004. 503 p.

Abstract: *This paper aims to analyse verbal possessive constructions in Russian. In that language, possessive relations are established by the preposition U, followed by a possessor in genitive case, the verb iest' (be), and the possessed object in nominative case. In addition, within certain contexts, the verb iest' may be omitted from the sentences. Assuming that a formal difference of a construction is related to a difference in its meaning (the Principle of No Synonymy), this paper seeks to investigate what differences underlie the use of possessive construction with iest' in contrast to the alternative construction without the verb. To this end, an overview of what has already been proposed on the subject is presented. After that, a statistical and a qualitative analysis are presented, both using a corpus.*

Key-words: *verbal possessive; Russian; possessive construction; verb iest'.*

